

SETTING EM OFICINAS ONLINE EM UM CAPS DURANTE O PERÍODO DA COVID-19: um relato de experiência

Setting in online workshops in a CAPS during the COVID-19 period: an experience report

Tiago Humberto Rodrigues Rocha¹
Luisa Fernandes Miranda²
Gabriella Alves Bertanha³
Roberta Cristian Reis⁴
Bruna Rezende Silva⁵
Maria Carolina Fioroto⁶

Artigo encaminhado: 11/08/2022
Artigo aceito para publicação: 06/12/2024

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência vivida em uma disciplina da graduação em Psicologia durante a pandemia da COVID-19 de uma universidade no interior de Minas Gerais. O propósito da experiência é expor potencialidades e dificuldades do cuidado em saúde mental, realizado de modo online para os usuários de um CAPS adulto na oferta da oficina terapêutica de música. As oficinas duraram três meses e os resultados foram analisados com base nas observações das discentes e na supervisão docente, utilizando-se de artigos com a temática sobre saúde mental. Foram estabelecidos dois temas relevantes como resultados: a música como instrumento terapêutico; e manejo do *setting* e vínculos. Assim, foi possível concluir que o cuidado, o trabalho e o *setting* precisaram passar por transformações durante esse período, além de perceber que a música foi um importante instrumento de vínculo durante as oficinas. A análise final da experiência traz que os desafios e as potencialidades do contexto online se fazem presentes na atuação e nos

¹ Psicólogo, Psicanalista, Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP), Doutor pela Université de Rennes 2 (França) e Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: tiago.rocha@uftm.edu.br

² Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: luhfm9@gmail.com

³ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: gaby.bertanha16@gmail.com

⁴ Psicóloga graduada pela UFTM e residente em Saúde do Adulto UFTM. E-mail: roberta.cristian.reis@gmail.com

⁵ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: d201810528@uftm.edu.br

⁶ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e residente em Saúde Mental na UFSCar. E-mail: d201810530@uftm.edu.br

convidam a pensar em diferentes alternativas no cuidado oferecido pelos serviços.

Palavras-chave: Saúde mental. Centros de Atenção Psicossocial. Música. Pandemia COVID-19.

ABSTRACT

This article aims to report the experience lived in an undergraduate Psychology course during the COVID-19 pandemic at a university in the interior of Minas Gerais, Brazil. The purpose of the experience is to expose the potential and difficulties of mental health care, carried out online for users of an adult Mental Health Center (MHC) in the offer of a therapeutic music workshop. The workshops lasted three months and the results were analyzed based on students' observations and teaching supervision, using articles on mental health. Two relevant themes were established as results: music as a therapeutic instrument; and management of setting and bonds. Thus, it was possible to conclude that care, work, and setting needed to transform during this period, in addition to realizing that music was an important tool for bonding during the workshops. The final analysis of the experience shows that the challenges and potentialities of the online context are present in practice and invite us to think about different alternatives in the care offered by the services.

Keywords: Mental health. Psychosocial care centers. Music. COVID-19 pandemic

1 INTRODUÇÃO

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço substitutivo ao modelo asilar que surgiu após a Reforma Psiquiátrica na década de 70, sob forte influência do movimento Psiquiatria Democrática na Itália. Esse movimento no Brasil teve diversos marcos relevantes na década de 80, como o projeto de lei do deputado federal Paulo Delgado em 1989, o qual propunha a extinção dos manicômios e a oficialização da assistência psiquiátrica comunitária em 2001. Diante do exposto, o CAPS onde ocorreram as práticas online dos estudantes de Psicologia é um tipo II, o qual atende a população a

partir de 18 anos que possuam algum transtorno mental grave e persistente (AMARANTE, 2015).

O trabalho da Psicologia no serviço substitutivo, especialmente tratando-se de uma clínica orientada pelo viés da Psicanálise, a escuta clínica consiste no que se apresenta do sujeito endereçado a nós, na qual se constitui um campo comum, cujo referencial parte deste, através de um manejo profissional que se põe a seu serviço (FIGUEIREDO, 2005). Trata-se do coletivo, característica própria dessa clínica já definida como ampliada, existindo várias propostas de tratamento como as oficinas terapêuticas.

Sob um cuidado transdisciplinar, as oficinas terapêuticas, regulamentadas pela Portaria nº 189, são atividades grupais com função de expressão, ressocialização e inserção social, propostas em conformidade com o projeto terapêutico e com a decisão do usuário de participação (CAVALLINI, 2020). A oficina em foco é a expressiva, considerando as vivências através de uma oficina de música.

A música, como facilitadora, tem capacidade de reconectar quem a escuta ou canta com suas emoções e lembranças, pois auxilia em momentos de expressão importantes para o processo terapêutico, com o qual o sujeito pode sentir-se pertencente e capaz de realizar trocas e construir relações. Assim, o impacto recai também em toda sua rede pessoal e social, fortalecendo sua potencialidade de inserção social, familiar e comunitária (BATISTELA; GARCIA; OLIVEIRA, 2020).

As oficinas podem estimular tanto a produção quanto o manejo da subjetividade dos sujeitos, além de ser um espaço para imersão e fortalecimento dos vínculos abalados ou rompidos em decorrência da condição mental (DIAS, 2018). Diante do cenário pandêmico, os modos de vinculação e de desinstitucionalização precisaram ser modificados e adaptados para um modelo online. O foco permanece no vínculo, resultando em confiança e segurança entre os participantes e a terapeuta, a fim de expor suas necessidades e serem acolhidos (DONNAMARIA; TERZIS, 2011; LEVY, 2016).

Assim, no modelo online a fala e a comunicação verbal do usuário do serviço se tornam privilegiadas, se comparadas a modos de expressão não verbais. A possibilidade de participar de um grupo na ausência de uma câmera, ou mesmo com a parte superior do corpo à mostra, fazem com que o terapeuta

precise se atentar ao modo de falar, ao ritmo, à respiração e as interrupções das verbalizações dos sujeitos (DONNAMARIA; TERZIS, 2011).

Em um momento em que as relações foram distanciadas corporalmente pelas restrições da Covid-19, as oficinas remotas dizem ainda sobre um sentimento de pertencimento a um espaço em que foi transformado. A prática grupal online consegue abrir espaço para a elaboração de vivências compartilhadas, colocando em cena os vínculos, as trocas, a escuta e o desvelar de um acontecimento que surge a partir da união dos diversos atores de narrativas individuais que compõem o todo (FIORONI et al., 2021).

Nesse processo terapêutico, Fioroni et al (2021) aponta que surgem novas dificuldades e novas reinvenções, nas quais ainda guardam o lugar para o conhecimento de outras pessoas, o convívio com os laços estabelecidos, o respeito com o próximo e o lugar de escuta e fala. Portanto, o presente estudo objetiva expor potencialidades e dificuldades do cuidado em saúde mental realizado de modo online pelo CAPS, a partir das observações e compreensões dos autores em relação a sua vivência em uma oficina terapêutica de música.

Ademais, busca-se a compreensão da construção e manutenção do vínculo entre os participantes. Nesse sentido, a partir de uma breve revisão de literatura, percebe-se a escassez de trabalhos que abordem a temática do cuidado em saúde mental de forma online em seus limites e alcances. Sendo assim, diante do cenário imposto pela Covid-19, torna-se necessário novos estudos que abordem essa temática.

Este relato de experiência possui como limites a sua realização em apenas um tipo de oficina, nesse caso a de música, e em um CAPS específico. Entretanto, tal modelo permite uma maior imersão na experiência vivida, proporcionando um aprofundamento do estudo devido ao seu formato qualitativo. Ao se buscar compreender cuidados em saúde mental em instituições como o CAPS, a partir das restrições geradas pela pandemia e isolamento social, surgem possibilidades de potencializar novas práticas e instituir modelos diferentes que auxiliem na diversificação desses serviços.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente relato de experiência tem caráter qualitativo e foi realizado a partir da vivência de cinco graduandas de um curso de Psicologia de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais. A disciplina para a qual a vivência foi realizada abarca um estágio básico obrigatório na matriz curricular. Devido ao isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, a experiência foi realizada em uma oficina de música online em um CAPS do tipo II. No total houveram dez encontros com duração média de uma hora cada, realizados às quartas-feiras, entre os meses de maio a julho de 2021.

As oficinas de música com os usuários do serviço foram conduzidas por duas psicólogas da instituição em conjunto com as discentes. As graduandas realizaram apenas a atividade de observação das atividades desenvolvidas, tendo em vista o pouco contato prévio com os participantes. Além disso, as psicólogas responsáveis pelas oficinas realizaram as supervisões com o grupo em horário posterior à atividade. Durante essas supervisões, foram discutidas construções teóricas, formas de atuação, observações da oficina, dúvidas elencadas e, ao final, planejava-se o próximo encontro.

As vivências foram retratadas no caderno de campo, composto por observações pessoais e intervenções realizadas. As oficinas eram abertas, fazendo com que a cada semana a composição do grupo se modificasse. Os encontros aconteceram pela plataforma Google Meet e o link de acesso era encaminhado para todos os membros. Em média, participaram oito pessoas por oficina.

A oficina possuía como ponto inicial uma discussão sobre como havia sido a semana de seus membros e, em seguida, eram propostas as atividades. O foco central destas foi ter a música presente, de modo a facilitar a discussão sobre as mobilizações que causava entre eles. Para a realização das atividades houve diálogo com os membros do grupo, o que permitiu uma horizontalidade das relações. Ademais, os nomes dos participantes não serão divulgados, de modo a manter o anonimato desses. Os resultados e discussões serão apresentadas em duas categorias, a partir da análise de conteúdo dos cadernos de campo.

Segundo Turato (2008) a análise de conteúdo constitui-se das seguintes fases: transcrição do material na íntegra; pré-análise, em que são realizadas repetidas leituras do material até a exaustão e, finalmente, a montagem das

categorias. Ainda segundo o autor, para a montagem das categorias são privilegiados dois aspectos: relevância e repetição dos conteúdos. Quanto à relevância, refere-se a aspectos considerados importantes em consonância aos objetivos e hipótese do trabalho. Já em relação à repetição, o autor considera a frequência que determinados temas foram repetidos ao longo do processo de observação ou de entrevistas. Considerou-se tal processo pela possibilidade das mesmas poderem abarcar as impressões registradas nos diários de campo a partir de categorias. Além disso, tal metodologia tem se mostrado relevante em outros trabalhos de um dos autores (VIEIRA; ROCHA, 2023; OLIVEIRA; ROCHA, 2023; ROCHA; SANTOS, 2022). Ainda, o uso de metodologia semelhante em outros artigos produzidos, com os mesmos objetivos e na mesma instituição (RIOS; MAZINI; ROCHA, 2024; KALLAS; FERREIRA; BARBOSA; ROCHA, 2022; ROCHA; PAULA; CASTRO, 2021; BUENO; ZANETONI; SILVA; SIMONI; ROCHA, 2021) se mostrou aplicável em tal contexto.

De tal sorte, as categorias foram formadas a partir da construção proposta por Turato (2008), sendo a frequência da repetição de duas temáticas específicas, retiradas dos diários de campo, a saber: a música como instrumento terapêutico da modalidade virtual e; manejo do *setting* e vínculos em uma oficina terapêutica remota.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o Movimento da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, diferentes práticas estratégicas foram incorporadas, visando fortalecer o processo terapêutico e oportunizar outras ações de intervenção. Assim, as oficinas terapêuticas oferecidas no CAPS podem utilizar de atividades expressivas que recorram à arte no processo de cuidar e escutar os sujeitos (NASCIMENTO et al., 2018).

A inclusão dos usuários nas oficinas terapêuticas deve ser pensada a partir do Projeto Terapêutico Singular de cada usuário. Rocha, Paula e Castro (2021) destacam que ao se pensar a inserção dos mesmos nas oficinas, deve-se levar em conta que as oficinas são pensadas a partir das demandas dos usuários, mas também de suas limitações e necessidades. Partindo desse pressuposto, a experiência na oficina de música possibilitou outras percepções

sobre o manejo e trabalho em um *setting* remoto. Essas, serão organizadas pela discussão em dois temas, os quais sinalizam a importância da música como mediadora do encontro e também tratam das exigências, limites e desafios impostos pela criação de um *setting* virtual no trabalho com usuários de um CAPS.

3.1 A música como instrumento terapêutico da modalidade virtual

Antes de trazer a discussão sobre o desenvolvimento das atividades utilizando a música como recurso, cabe destacar um importante ponto que algumas limitações sociais impuseram. Souza, Soares e Tiziani (2020) destacam que mais de 60% dos usuários de um CAPS em que realizaram uma pesquisa não eram alfabetizados, o que corrobora uma outra pesquisa, de Santana et al. (2020), que constataram que cerca de 50% dos usuários não possuíam o ensino fundamental completo. Soma-se a isso outro estudo de Rios, Mazini e Rocha (2024) que apontam que, apesar das plataformas digitais serem um importante aliado para o momento pandêmico, as condições socioeconômicas também são um entrave para o acesso de todos, uma vez que cerca de 46,6% dos usuários do SUS possuem renda per capita inferior a um salário mínimo (ROSA; CAMPOS, 2013).

Dito isso, foi necessário lidar com tal segregação imposta por questões socioeconômicas a que os usuários estavam submetidos os impossibilitando de participar da realização das oficinas. Quanto a estas, como apontam Rocha, Paula e Castro (2021), devem servir para além de ocupar o tempo ocioso dos usuários na instituição. As oficinas, em sua multiplicidade de possibilidades (geração de renda, expressão artística, alfabetização, etc.) servem sobremaneira como recurso indispensável para fortalecimento dos laços do sujeito com a instituição, favorecendo, assim, a finalidade última dos CAPS: a clínica do sofrimento psíquico.

Para o desenvolvimento deste relato observou-se de uma oficina de expressão artística, com ênfase na música. Esta, com suas letras e melodias, possui a capacidade de mobilizar sensações, sentimentos, bem como auxiliar na construção e no resgate de histórias dos sujeitos. Pode ser utilizada para conectar pessoas, enfrentar momentos difíceis, contribuir no alívio da ansiedade e estresse, além de promover diálogos, que podem ser extremamente úteis no processo terapêutico (NASCIMENTO et al., 2018).

A música pode ser outra forma de linguagem, expressão e um modo de se relacionar com os demais. No contexto da oficina, possibilita compartilhar vivências entre os participantes. Em sujeitos psicóticos, a produção artística age como uma mediadora de significações, que, por vezes, encontram manifestações apenas pela via do delírio. A arte articula e sustenta a ordem do simbólico à realidade, permitindo a expressão do sujeito que se sente livre para participar, de forma verbal ou não verbal (DIAS, 2018).

Dessa forma, foi observado que a música, em alguns momentos da oficina online, se estabeleceu como uma forma de acalmar “as vozes” dos participantes, relacionadas a delírios e alucinações. Silva e Alencar (2009), compreendem que a arte, assim como a música, pode ser usada como meio de cuidado e continência à produção delirante de sujeitos psicóticos. Assim, ao unir esta forma de comunicação e expressão, ao acolhimento e escuta cuidadosa, torna-se possível ressignificar uma realidade antes dada pela via do delírio. Logo, outras formas de existir emergem através da música, o que permitiu que os participantes pudessem se expressar e avaliar uma melhora significativa ao longo da oficina, por intermédio das músicas, das lembranças suscitadas, das falas, expressões e dinâmicas abordadas.

A escolha das músicas permite a projeção de conflitos internos e externos, além de refletir o que ela transmite (NASCIMENTO et al., 2018). Quanto ao presente trabalho, durante uma dinâmica realizada com os usuários do CAPS, foi utilizada uma tabela com diferentes números e músicas correspondentes, dos quais, foi solicitado a escolha de um número a cada participante para a revelação de uma palavra. Havia um movimento e significado por trás de cada escolha ou música lembrada e podiam produzir emoções distintas e até ambivalentes entre eles.

Ao empregar a música como instrumento de encontro, cada pessoa conta parte da sua história e revela uma parte de si. Batista e Ferreira (2015), demonstram a oficina de música como um instrumento potente para a aproximação das pessoas e a facilitação de uma integração e um vínculo com os outros participantes. Nesse espaço constituído por uma tela, as emoções circulam e são compartilhadas. Há medo, há a solidão de estar em casa isolado, há a saudade de estar no CAPS, há também a alegria, o sorriso, a devoção e a calma.

Portanto, o CAPS como serviço de saúde mental objetiva intervenções que auxiliem a produzir mudanças no enlace desses sujeitos com a comunidade, isto é, no local em que ocupam, visando uma (re)construção do laço social (ESTRELLA; MOLLICA, 2015). No caderno de campo são retratados diálogos que vão ao encontro da ideia de laço social, a partir da música “Liberdade pra dentro da cabeça” (NATIRUTS, 2018), em celebração ao dia da Luta Antimanicomial:

Direito à liberdade, não quero ficar presa a uma clínica mental. Muito grata ao CAPS por dar esse suporte, ajudar na luta, não precisar mais internar” (CADERNO DE CAMPO, 2021, p.12)

Os laços também se estendem aos movimentos de transferência grupal, permitindo a identificação ao longo dos encontros e a construção de um espaço de pertencimento (ROMANINI; ROSO, 2012). Desse modo, é possível perceber o convite que a oficina traz para o sentir do outro e com o outro, que perpassa pela identificação e diz sobre nós. Na oficina remota circula a cultura, o presente e o passado, portanto, é também um lugar de trocas e ressignificações.

Ainda que as condições socioeconômicas tenham limitado o alcance da oficina, pode ser compreendido que, mesmo que de forma remota, a mesma cumpriu seu objetivo. Ao longo das atividades foi perceptível o nível de comprometimento dos envolvidos e da permanência dos laços ali desenvolvidos. Tanto como recurso na prática presencial quanto para a modalidade remota, as oficinas cumprem a função de buscam por ressocialização, desinstitucionalização e manutenção dos laços dos participantes com a equipe.

3.2 Manejo do *setting* e vínculos em uma oficina terapêutica remota

O manejo transferencial, o *setting* e os vínculos são extremamente importantes para a construção de uma atividade terapêutica potente. É a partir disto que relações se estabelecem, sendo possível que a escuta, a expressão, as trocas e as afetividades ocorram. Assim, a distância promovida pela pandemia da Covid-19 abalou os vínculos e os manejos possíveis, além de diversificar o *setting*, sendo necessária a criação de outras formas para (re)estabelecê-los, (re)construí-los e mantê-los.

Ao trazer para a análise o *sentir com* o paciente, Gondar (2020) suscita uma forma de presença que parte da sensibilidade e da percepção do analista para apreender as singularidades que chegam através da voz, do olhar e do território compartilhado. O sentir pertencente ao espaço de troca e às pessoas se desdobrou a partir do encontro com o outro. Como possibilidade de nomear, de encontrar um lugar de conforto e permitir vivenciar esse outro que se apresenta, o vínculo transferencial se deu com esse sujeito de desejo e de contradição, ao se eximir do ideal de analista. Dispostos no campo do afeto, que não pôde ser determinado antes do encontro e diálogo entre inconscientes.

Nas oficinas observadas no CAPS, outros detalhes facilitaram o cuidado e a adesão, como, por exemplo, criar espaços de legitimidade e composição mútua. Assim, o valor da sessão única e da escuta inconsciente de um encontro, para participantes que frequentaram a oficina apenas uma vez, revelam como o manejo clínico deve ser criativo para enxergar e sentir esse verdadeiro outro que se apresenta. Gondar (2020) acrescenta sobre o risco de resistir ao encontro e ao cenário clínico se nos apegarmos apenas a um formato de atendimento e a importância de construir outros modos de escuta, de percepção e de empatia para com o sujeito.

A atuação do psicólogo nesses espaços demanda criatividade e uma postura de facilitação dos encontros, não descrevendo o que deve ser realizado, mas utilizando de instrumentos para que o seu desenvolvimento seja viabilizado (MOLITERNO et al., 2012). As oficinas foram realizadas nesse sentido, ao elaborar uma estratégia de mediação, partiu-se da ideia do protagonismo dos participantes. Foi percebido que a abordagem de cada caso se voltou para uma amarração dos relatos e dos afetos, com a possibilidade de ver semelhanças nas angústias e trazer reflexões para o grupo.

Cavallini (2020) aponta a necessidade de modelos abertos e afetivos. Dessa forma, cada encontro permitiu que novas formas de escuta e cuidado fossem elaboradas. Percursos que desestabilizam e acolhem, que trazem novas possibilidades de *estar com*, a partir dos elementos fornecidos pelo sujeito. Ainda que em um modelo restrito às telas, o cuidado sensível e a escuta atenta direcionaram contatos potentes de análise e elaboração clínicas em saúde mental.

O usuário do serviço deve ser escutado, já que ao estar incluído no campo da linguagem, seu discurso demonstra o modo com que lida com a realidade. Além disso, é possível se vincular ao meio social e também permite se colocar como sujeito frente ao Outro. Assim, as oficinas, como forma de construção de vínculo, permitem certas vias de acesso à produção subjetiva, possibilitando a expressão da sua singularidade sem estar reprimido por valores morais (DIAS, 2018). Ademais, alguns participantes não queriam a forma online, assim o espaço da oficina e o vínculo existente permitiu a expressão de suas frustrações, receios e tristezas. Ao profissional, coube o manejo da situação, sustentando esse local de expressão e validação de sentimentos.

As oficinas terapêuticas atuam na produção psíquica, além de serem uma forma de (re)inserção do indivíduo no ambiente social, cultural e familiar, pois há a ampliação dos vínculos, contato com outras pessoas e a ocupação de espaços além das instituições. Naquilo que retoma Dias (2018), se estabelece pelo uso do transporte público, o percorrer pela cidade e a vivência de outros lugares.

Entretanto, na situação onde o *setting* terapêutico transgride os muros do CAPS e se estabelece nas residências por meio online, coloca-se o desafio de estender a rede de cuidado para uma reinserção, já que muitos não têm acesso à internet ou não possuem o apoio da família, não conseguindo participar desse modelo. Por outro lado, quanto aos que conseguem participar dos encontros, frequentemente ocorre que outros atores acabam entrando em cena: os familiares dos usuários do serviço. Nasce um *setting* ampliado, onde filhos oferecem o suporte técnico para o encontro, emprestam celulares, ou mesmo circulam pela casa e, indiretamente, participam.

Kallas, Ferreira, Barbosa e Rocha (2022), em estudo semelhante, narram um caso de uma pessoa psicótica em tratamento em um CAPS que, ao realizar as atividades de um grupo operativo durante a pandemia de COVID-19 demandava constante auxílio de sua mãe. Na ocasião, esta parecia ser a maior responsável pela expressão das emoções e desejos da usuária do serviço. Ainda, havia certa infantilização no cuidado, o que suscitava constante incômodo nas responsáveis pela condução do grupo. Tal fato destaca a importância do manejo do *setting* durante o período pandêmico, visto que tais

situações dificilmente ocorreriam em uma situação cotidiana de forma presencial em um CAPS.

Ainda a respeito da estreita dependência que muitos usuários demonstraram ao realizar as atividades, em outro estudo, Rios, Mazini e Rocha (2024), apontam para os problemas que envolvem o risco do sigilo e os desafios de tal processo. Ora, se por um lado demonstra-se necessária – para muitos casos – a presença de um dos familiares para que as atividades possam o correr, por outro, a presença constante dos familiares coloca em risco a condução do processo terapêutico, tendo em vista que as relações familiares são temas recorrentemente tratados durante as oficinas e grupos terapêuticos. Ainda no campo dos desafios, tal cenário pode incrementar a persecutoriedade, muito comum no trato com psicóticos e neuróticos graves.

Zaslavsky (2021), dispõe sobre algumas alterações necessárias ao *setting* colocadas pelos limites da COVID-19, em que principalmente há possíveis interferências durante o atendimento. Uma nova linguagem se origina diante do contexto virtual. A tela se abre, mostra a sua casa, suas necessidades e também a importância de uma escuta terapêutica e o lugar de pertencimento a ser mantido.

A família ocupa neste momento um importante papel, sendo necessário permanentes diálogos em busca da valorização dos seus impasses e também a relevância de uma parceria entre o CAPS, o usuário do serviço e ela. Portanto, as oficinas terapêuticas precisaram se reconstituir e abordar uma nova linguagem possível, demandando por parte dos participantes uma sensibilidade e respeito ao outro, para que um vínculo entre o grupo possa ser construído.

Ainda uma última palavra quanto ao lugar da família, em termos comparativos, se na condição presencial da realização de uma psicoterapia o sujeito apresenta seu mundo permeado pela riqueza de sua fantasia, no formato online, tal fantasia pode ir à berlinda. Em outros termos, se as tramas familiares apresentadas ao terapeuta são provenientes da forma de inserção do sujeito na linguagem e da expressão dos conflitos familiares em tal trama, a presença direta da família em tal contexto pode causar claras influências na condução do tratamento.

Em síntese, o manejo do setting nas condições apresentadas demanda, necessariamente, o manejo também das intercorrências de demais situações que ocorrem para além do desejo do usuário do serviço. Aqui, cabe àquele que conduz o trabalho – seja uma oficina, grupo terapêutico ou operativo – conduzir também de que modo o familiar será incluído em tal processo, visto que a exclusão deste e o trabalho apenas a partir da fantasia do sujeito em questão não são mais possibilidades garantidas na modalidade de atendimento remoto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário imposto pela pandemia da Covid-19 trouxe diversas restrições, as quais demandaram a reorganização e utilização da criatividade a promover locais de escuta e cuidado possíveis. Dessa forma, a proposta de participação das oficinas online trouxe, além da curiosidade e entusiasmo, dúvidas e receios, compartilhados também pelas profissionais.

A oficina de música permitiu, a partir de seu aspecto mais sensível, o aparecimento de vivências que se juntam e se completam pelo suporte da construção de um grupo. Nessa dinâmica, tão relevante como a expressão da fala de cada pessoa é a narrativa individual de cada um. Com essa experiência, foi perceptível o lugar ocupado pela música como mediadora de encontros e trocas simbólicas, no resgate de lembranças e manifestações de angústias inerentes ao sofrimento de cada um.

Dessa forma, o cuidado, o trabalho e o *setting* precisaram passar por transformações e serem remanejados para o modelo online, o que ocasiona diferentes perdas e desafios. Atravessados por questões concretas, como a falta de acesso à internet, ausência do apoio de familiares e aproximação com as novas tecnologias há a impossibilidade de participação de grande parte das pessoas atendidas pelo CAPS. Aos que estiveram presentes, diferentes contratempos tornaram-se emergentes, como o desconhecimento do aplicativo, a dificuldade entre o manejo da câmera e o microfone, e as instabilidades com a internet, que também afetaram o *setting*. O silêncio se restabelece de uma outra forma quando pensado em câmeras e microfones desligados, a linguagem verbal e não verbal promovem atravessamentos, como falhas nas conexões, ou a interferência de áudios sempre ligados.

A dinâmica do grupo e da sequência estabelecida das semanas, delimita observações possíveis sobre o funcionamento das oficinas terapêuticas em formato remoto. A oficina vai se tornando uma rotina para muitos, é perceptível a permanência e a impermanência de um direito de ficar, ouvir, ligar a câmera ou mesmo falar. Ou seja, origina-se na modalidade online outras linguagens possíveis sobre o *setting*, ainda que o contexto pandêmico revele diferentes falhas na rede de atenção psicossocial.

O CAPS demonstra que o seu funcionamento não deve se restringir ao físico e ao presencial, visto que o virtual ainda oferece lugares para o encontro e cuidado. Sendo assim, é necessário que os serviços de Saúde Mental sejam sensíveis e flexíveis a outras formas de cuidado, sustentando a inquietude e a transformação das práticas. Portanto, os aprendizados durante a pandemia não se delimitam ao seu fim. Ainda neste mesmo contexto, fica a lição sobre as novas possibilidades apresentadas em decorrência da pandemia em que barreiras físicas puderam ser vencidas ampliando o alcance da atenção psicossocial. Claro, toda prática jamais deve desconsiderar as diretrizes da resolução 09 de 18 de junho de 2024 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2024) que dispõe sobre a prática do exercício da psicologia mediado por Tecnologia Digital da Informação e da Comunicação (TDICs).

Os desafios e as potencialidades do contexto remoto são vivências permanentes que convidam a pensar em diferentes alternativas no cuidado oferecido pelos serviços, afinal, estamos atravessando uma nova reforma do modelo de cuidado em saúde mental?

REFERÊNCIAS

AMARATE, PAULO. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

BATISTA, Eraldo Carlos; FERREIRA, Dayane. A música como instrumento de reinserção social na saúde mental: um relato de experiência. **Revista Psicologia em Foco**, v. 7, n. 9, p. 67-79, 2015. Disponível em <<https://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1593>>. Acesso em 21 dez. 2024.

BATISTELA, Mariana da Rocha; GARCIA, Andréia Sanches; OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de. Oficinas terapêuticas e a música no CAPS: contribuições para a saúde mental brasileira. **Intraciência**, v. 19, p. 1-11, jun.

2020. Disponível em:
<https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200522114251.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

BUENO, Julia do Couto; ZANETONI, Lara Perussi.; SILVA, Julia Luciula; SIMONI, Clara; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. Práticas de autonomia e exclusão de um centro de atenção psicossocial: um relato de experiência. *REFACS*, v. 9, n. 2, p. 843-851, 2021. Disponível em: <<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/5668>>. Acesso em 13 dez. 2024.

CAVALLINI, Flávia de Macedo. CAPS, ateliês e oficinas: artes no mundo, mundos na arte. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. 1, p. 40-45, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/SMP4zZdDHqMXb9KQCTnKhyt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP 9 de 18 de julho de 2024. **Diário Oficial da União**, 145, (1), pg 167, 2024. Disponível em <<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-cfp-009-2024-07-18.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2024.

DIAS, Janiele Daniane da Silva. Oficinas terapêuticas como estratégia para reinserção psicossocial e produção de vínculo. **Pretextos**, v. 3, n. 5, p. 129-145, 2018. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180414174101/http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/viewFile/15933/13006>>. Acesso em: 10 out. 2021.

DONNAMARIA, Carlos Pontes; TERZIS, Antônio. Experimentando o dispositivo terapêutico de grupo via internet: primeiras considerações de manejo e desafios éticos. **Revista da SPAGESP**, v. 12, n. 2, p. 17-26, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v12n2/v12n2a03.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ESTRELLA, Renata; MOLLICA, Mariana. O CAPS e a Desinstitucionalização: Uma Direção Ética de Trabalho. **Ayvu: Rev. Psicol.**, v. 1, n. 2, p. 122-144, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22183/13082>>. Acesso em 10 out. 2021.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. Uma proposta da psicanálise para o trabalho em equipe na atenção psicossocial. **Mental**, v. 3, n. 5, p. 43-55, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v3n5/v3n5a04.pdf>>. Acesso em 11 out. 2021.

FIORONI, Luciana Nogueira et al. Aprendendo a cuidar na pandemia por Covid-19: experiência com grupo on-line em Saúde Mental. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 31, p. 174-185, 2021. Disponível em: <<https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1537/589>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GONDAR, Jô. Psicanálise online e elasticidade da técnica. **Cad. Psicanálise**, v. 42, n. 42, p. 37-45, 2020. Disponível em: <http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/201>. Acesso em 12 out. 2021.

KALLAS, Ana Laura de Oliveira; FERREIRA, Letícia Resende; BARBOSA, Maria Clara de Castro; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. Grupo Operativo em um CAPS durante a pandemia da COVID-19: um relato de experiência. **Vínculo**, v. 19, n. 2, p. 254-263, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-24902022000200254&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 dez. 2024.

MOLITERNO, Ian Marinho de; VIEIRA, Jennifer Bruna dos Santos; ARAÚJO, Luana Carla Oliveira de; CALDAS, Lucas Fittipaldi Neves; MELLO, Maria Karollina Padilha Maia Gomes; ROCHA JUNIOR, José Rodrigues. A atuação do psicólogo com grupos terapêuticos. **Caderno de Graduação Ciências Biológicas e da Saúde UNIT ALAGOAS**, v. 1, n. 1, p. 95-98, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/460>>. Acesso em: 10 out. 2021.

NASCIMENTO, Elisiane Damasceno Marques, BITTENCOURT, Vivian Lemes Lobo; PRETTO, Carolina Renz; DEZORDI, Cátia Cristiane Matte; BENETTI, Sabrina Azevedo Wagner; STUMM, Eniva Miladi Fernandes Oficinas terapêuticas com música em saúde mental. **Revista Contexto & Saúde**, v. 18, n. 34, p. 15–19, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.21527/2176-7114.2018.34.15-19>>. Acesso em: 21 out. 2021.

NATIRUTS. **Liberdade Pra Dentro Da Cabeça**. Universal Music, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yHEgNNLdyuQ>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LEVY, Virgínia Lima dos Santos. Oficinas terapêuticas e produção de vínculo em CAPS AD. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 8, n. 19, p. 97-106, 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69020>>. Acesso em 21 dez. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Rezende Alves de; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. Violência de Gênero: Feminilidade, Corpo e Masoquismo sob a Ótica da Psicanálise. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande , v. 15, jan. 2023 . Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2023000100228>. Acesso em 13 dez. 2024

RIOS, Monize Villega; MAZINI, Gabrielly dos Santos; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. Suporte psicossocial oferecido por oficinas online em um Centro de Atenção Psicossocial durante a COVID-19. **Id on line Rev. Psic.** v.18, n.70, p.44-57, 2024. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3703>>. Acesso em 13 dez. 2024.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues; PAULA, João Gabriel de; CASTRO, Filipe Caldeira. Laços e histórias: a reforma psiquiátrica e as relações afetivas entre familiares de sujeitos psicóticos. **Vínculo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 95-105, 2021. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-2490202100100013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 dez. 2024.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues Rocha; SANTOS, Yan Lázaro. Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt: um contexto de psicanálise extramuros.

Revista subjetividades, v. 22, n.2, p. 1-15, 2022. Disponível em:

<<https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12117>>. Acesso em 13 dez. 2024.

ROMANINI, Moisés; ROSO, Adriane. Psicanálise, instituição e laço social: o grupo como dispositivo. **Psicologia USP**, v. 23, n. 2, p. 343-365, 2012.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/sFbL783F5WGfmL9v9vjFnph/>>.

Acesso em: 21 out. 2021

ROSA, Lucia Cristina dos Santos; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko. Saúde mental e classe social: CAPS, um serviço de classe e interclasses. **Serviço Social e Sociedade**, n. 114, p. 311-331, 2013. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/7yPB8Tnkr5jxvbdjXbrrbSb/abstract/?lang=pt>>

Acesso em 13 dez. 2024.

SANTANA, Ramaile Tomé; MIRALLES, Nathali Carmel Weiler; ALVES, Jéssica Freitas; SANTOS, Vanessa Ávila dos; VINHOLES, Ubirajara; SILVEIRA, Denise Silva. Perfil dos usuários de CAPS-AD III **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 1, p. 1343–1357, 2020. Disponível em:

<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/7228>>.

Acesso em 13 dez. 2024.

SILVA, Thiago José de Franco da; ALENCAR, Maria Lídia Oliveira de Arraes. Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 12, n. 3, p. 524-538, 2009.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/xfzFB3CNXCpQxcbH83pJvDF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 out. 2021.

SOUZA, Jaqueline Fátima de; SOARES, Marcos Hirata; TIZIANI, Jessica Andrade. Perfil sociodemográfico e clínico de usuários de substâncias psicoativas atendidos em hospital filantrópico acreditado. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, v. 17, n. 3, p. 7-17, 2021 .

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-6976202100300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 dez. 2024.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa**

clínico-qualitativa: Construção teórica-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

VIEIRA, Mariana de Paiva Pelet; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. A direção do tratamento a partir da escuta de psicólogos e psiquiatras que atuam em um CAPS. **Revista Psicofae: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 12, n. 2, p. 26-42, 2024. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/442> Acesso em 13 dez. 2024.

ZASLAVSKY, Jacó. Observações preliminares sobre as mudanças no setting psicanalítico no distanciamento social em tempos de pandemia (TelePsicanálise, uma nova modalidade de atendimento?). **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 28, n. 2, p. 355–367, 2021. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/zaslavsky>. Acesso em: 10 out. 2021.